

poemas de **Nicolau Saião**

de “**OMNIA IN UNO**”

PALAVRA

“Um dia seremos salvos por uma palavra”

Diodoro, santo não reconhecido pelo

cristianismo oficial

As palavras não caem no vazio
diz no Zohar
nem dele chegam até nós
As palavras crescem umas vezes na amargura outras na indiferença
outras ainda no reboiço das horas
as palavras afeiçoam-se alegremente como um brinquedo de madeira
como uma iguaria que tanto tempo se aguardou
sob uma latada, na manhã ou na noitinha nascente.
As palavras sabem tudo ou então o que inda é melhor
nada sabem e buscam o seu lugar entre os objectos da casa
num recanto do contentamento
Uma vez pensei
em qual seria a palavra mais bela, a que de repente criaria
para este aquele um momento de completa serenidade
um hálito fortuito de alegria
ou simplesmente um minuto de angústia
- aquela que não punge, que é recordação
ou apenas realidade.

A palavra roseiral, que em pequeno ouvi
e que sempre me acalenta
a palavra horizonte, que nos intriga e que tem por detrás
tantos sonhos humanos de aventura e de crime
A palavra silhueta, a palavra caminho
e essoutra – madrugada – que abre o nosso coração
e o torna a fechar depois.
E tantas, tantas outras que nos rondam os dias que temos
e tivemos
Por exemplo a palavra que nos cai em cima como uma árvore abatida
- pobreza – essa palavra tão infeliz, tão só. Tão perturbada.
Palavras em espanhol, com seu guiso e suas lonjuras, palavras

em francês, em romeno com o seu passo
balançado como uma dança
palavras em islandês e quíchua, essa improvável levitação.

Mas a mais bela palavra sou eu que a tenho
e a trago sempre comigo: nos ouvidos, na memória,
no coração e nos pulmões
Entre as mãos e sobre um joelho, no cotovelo
e num bolso da camisa
e por ela serei salvo. Por ela cheguei ao meu país
onde o mistério se acoita.
Essa palavra
fui eu que a descobri. E é inteiramente minha.

Qual foi e qual será
qual era? Quem a conhece?

Quem a descobrir
que ma diga ou então, não podendo

que me a escreva, numa folha
amorável que me mandar
ou numa pedra
que me atirar
envolta num papel com ela escrita

em qualquer dia que calhe.

SAGRAÇÃO

Ora no alto ou no baixo
com o coração desnudo
nas endechas de uma reza
pois que S.Pedro vê tudo

Seja de manhã ou noite
com sono com fome com medo
pois que S.José vê tudo
sem lhe contar o segredo

Se Maria se declara
se lhe manda uma carta azeda
pois que o arcano tem tudo
mesmo que a morte não ceda

Ainda que os outros não saibam
o bambino fica ao canto

e eles os dois vêm tudo
e até a vida é um espanto

Vejo metade dum peixe
vejo dois braços no ar
e um coração com três partes
negro azul e outra vez negro

Árvore que não é bem árvore
cabeça sem ser cabeça
uma flor vermelha e branca
sobre os dois que tudo vêm

Viajante, se pensares
que esta voz é a dum vivo
viste o princípio de tudo
com o teu olhar altivo

Eram dois agora são um
lá no átrio circular
depois não serão nenhum
para o mundo começar

Aqui, ali, acolá
perto do inexistente
pois assim é que bem bom
p'ra ti e p'ra toda a gente.

Pois que S.Pedro vê tudo
pois que S.José vê pouco
pois que a mudança é o génio
da lâmpada ainda que rouco.

CAIXA

A flor da murta, a flor do cravo, a flor das páginas
impressas. Entre o amarelo do sangue o azul das palmas das mãos
o vermelho vivo dos olhos mortos. O sereno preto-cinzentos dos amores
perfeitos.

Como um parque vazio no silêncio de Outubro.
Como a lua colorida em Dezembro ou Maio.
Como o interior pulsante de uma anémone ou um miosótis.
Como os pulmões rasgados por um tiro num peito
de animal ou de criança ou de mulher
que outrora amou e sofreu.

O amor entre parêntesis, a voz do mundo e a letra
do universo para além dum horizonte que se traçou

SAUDAÇÃO

(a Júlio/Saul Dias)

Não conheci o pintor nem o poeta.
Não sei se era mau ou bom como pessoa
Mas espero que fosse um bocadinho mau
O suficiente para não ser mau a valer.
Só li um poema dele só vi um desenho dele.
Sei que em pequeno viveu perto do mar
Disseram-me que mais tarde morou noutra cidade
Onde havia não gaivotas mas cegonhas.
Disseram-me ainda que gostava de rosas
E de figurinhas de barro e que sentia
Anjos a pairar por cima dos telhados. E isso
É bom, o coração dos anjos bate ao ritmo da chuva
Ou do andar dos animais, por vezes há anjos
Que morrem atropelados numa estrada enlameada.
Disseram-me também que ele falava baixinho e pausadamente.
Sim. Creio que estou a ver. Parece-me que o conheço
Mais ou menos: umas vezes monstro, outras
Flor, ele devia noutras alturas ser também peixe ou árvore deslizante
Devia gostar de fruta, de mexer nos utensílios dentro de casa
De ficar parado a pintar no Inverno.
Penso em tudo isto, talvez fosse mesmo assim.

Mando-lhe a minha benção
Peço-lhe a sua benção.

“Erótica Lexicon”

A – não o simples começo
do amor alevantado da árvore que se descobre
sobre a cabeça
num espanto de olhos de quem
se ama no chão do campo
ou de pé na penumbra numa viela esconsa.
(Que aí seria mais
o vulto escuro
de casas na neblina ou o vidrado
de anónimas janelas). Mas sim
o a de abrir
de ficar com o alto das coxas preparado

para maiores desvelos, sem que a mão
por detrás pela frente
atabafe o grito inocente de alguém
virgem ainda ou hábil fugazmente
num ardil de maior gozo. O a do fim
da meia preta se possível, ou de grosseira lã com seu til
sensual mais o resto da roupa lá no centro
do espasmo ou da voragem.
O a que se exerce na palavra pássara
nosso amável gosto de beijar de ter
o vôo ao rés da boca nos sentidos
de um abalar da língua p'ra norte ou ocidente
com a tensa amargura de tudo se acabar.
O a da salvação de enormíssimas tardes
do passado da aventura rara
que jamais se esqueceu
porque foi a nossa dura condição. O a do gato
da tímida coelha ou do cavalo
do cão fremente na rua sem que uma voz
reparo lhe faça por animal o ser. Ou o a
alucinado do enamorado por amor se perder
- um destino arrancado
do denso doce pecado
no meio do coração.

E o a do não
do nunca mesmo nunca poder ser
de jamais a dois
nos tempos do Tempo se acordar
e voltar a arder.
O a sagrado e ferido
enfeitado dividido

de se matar de se morrer.

AMIZADE

(a um amigo que me ofereceu um poema)

Excelente poema, rapaz!
E a noite vem vindo fria, fria
e entretanto
há um pedaço de melancolia
escondido, coitado, a um canto.

Já estamos mais novos
já estamos mais velhos

já temos milagres e povos, sorrindo
sentados nos joelhos

Mais um neto lindo
e uma réstea leve de sol
e tantas, tantas coisas mortas:
chuvas e ventos, recantos e janelas e portas
nas casas da recordação
e ruas direitas e estradas tortas
dentro do coração
- às vezes luzindo como um farol.

Vai, rapaz, com teu poema belo
se assim o quiseres, para a noite bendita
ou para outro sonhado castelo.
Mas nunca te esqueças
dos nossos tempos do sete-estrela
mesmo que de forma esquisita.

Certo ou incerto
- ou de voz aflita -
é o futuro do nosso passado:
brinquedo fechado

- e há tanto tempo aberto!

OUTONO

Em certos dias
não há quase nada que nos console.
Talvez só uma lembrança
de uma rua ou de uma casa
daquelas especiais
que havia quando éramos adolescentes
e enquanto tomávamos uma bebida
no café onde já nos deixavam estar
seguros da nossa importância
de pequenos pássaros aventureiros
olhávamos pensando
que quem lá morava
devia ter sem dúvida uma vida cheia de sonho.

Em certos dias
o grande mistério fica mudo
e o frio nem cheira a alfazema e rosmaninho
e só conseguimos falar a nosso respeito
anichados pelos recantos.

É bom haver requinte nas pequenas coisas
meter a mão no bolso
e achar uns tostões perdidos
saber que um gato é não mais que um pretexto
para dormirmos a sono solto
Mas a primeira coisa que avistamos
nesses dias sem agasalho
é muitas vezes só a voz dos meses
o choro dos dias santificados

Ou o cheiro dos frutos comidos há anos
e que agora frementes se afastam de nós
enquanto a nossa sombra sem fazer barulho
se coloca de mansinho lentamente devagarinho

bem junto da porta p'ra poder ir-se embora.

NO DESERTO

Campos ardidos, campos onde não há casas nem uma parede mesmo
derruída, lugares de alegria sob as manchas de sol ao longe nos montes
subitamente brancos, restos de coisas feridas em terra ou no ar que se dissipa
perturbando-nos, percorrendo-nos na manhã e na lembrança das horas
nocturnas.

Ardidos mas não de lume, uma fronteira que passa ao norte do mar, um grito
que nos sacode o coração e é um pássaro que no cimo do morro escalavrado
aguarda como que a lua que não chegará envolta em halos difusos de cor
sumida, como uma penumbra na montanha que espera outra sombra no
desfiladeiro apenas entrevisto.

As moitas raquíticas nas cumeadas, por vezes brilhando como pequenas
chamas negras sem cheiro de Primavera, sem odor de Verão, sem ressumar
de Inverno. Outono de marcas meio destruídas num solo que é como palavras
soltas no nosso pensamento, na nossa sabedoria esquecida e de que
conhecemos todos os sulcos, todos os vestígios, universo perpetuamente
dependendo dum destino feito para maiores silêncios, alegrias e desesperos, a
lei das suas vidas de força desflorada, de mistério despojado como um coração
em todos os abandonados bosques da terra.

UM PRATO DE PEIXE OUTRO DE CARNE

É de tarde e você comeu frugalmente. Sardinhas assadas
Do dia anterior. Para escorregar melhor, uma caneca
De “Castillo de Salobreña”, sem álcool, “base de mosto de uvas
De vino y manzana”. Lavou as mãos? Não lavou. Não tem
Problema – a higiene é como as manhãs de Junho (fica bem quando
Está e bem quando não
Está – uma frase
Que não é nem carne nem peixe). Mas dizia
Eu que é preciso juntar, pois é disso
Que se trata: um salmão fresquíssimo, dois
Ovos de avestruz, um cheirinho de louro e outro
De aguardente, um molho de hortelã e duas
Codornizes. Abra o peixe, frite a carne, urine
Entrementes um pouco de lado se acaso pensar
No tal poeta que também é médico: aproveite para
Se vingar dando um ou outro
Violentíssimo traque como vírgulas, no interior da panela
Da escrita. Considere, sorrindo, que a alimentação
Tende para o sujo, para o torpe, para o inefável
Se a sua voz é cheia como o Verão
Que findou há doze anos: esse verão de 94
Que nunca lhe sairá da memória.
Coza a carne, corte o peixe, polvilhe com pimenta
Deixe alourar tudo misturado. Grite. Grite mais. Ria desabaladamente.
Cague nas suas desilusões. Jure que vai desmaiar. Faça de conta que vê um
rio
Que viu um rio
Que esteve em cidades quotidianas mas que o assustaram mortalmente.

Assim eu cozinhava. Assim eu vi –
Mas vi mesmo, vi convictamente
Papoilas na noitinha nascente ao pé de um muro derrubado –
E assim eu comia, tal como dobava linho
Aquela mulher velha da fotografia
Ou o outro entre móveis simples de pinho
Ou de castanho
Olhados, perdidos, olhados.

Hoje devoro torradas
Não muito a fundo. Debicando um pouco
Pois tremem as chamas das velas e quando se adormece

Respira-se como se não mais houvesse presságios nem minutos.

MENSAGEM

Ao domingo chega mais tarde o sol do dia
à segunda a noite fica dentro do quarto
à terça os pombos comem connosco à mesa
à quarta não é assado mas peixe frito

à quinta entre o pijama e a camisola
à sexta sente-se o gosto de tempos idos
Ao sábado o sabonete faz mais espuma
Ao domingo entre o cabelo e a paz dos tempos

à segunda lembra-se a neta e a ida à escola
à terça que já não há como o que havia
à quarta sabe-se que ontem não era sábado
à quinta nos outros dias que eram depois

à sexta escreve-se ao outro do outro lado
Ao sábado tem-se na mão um “como está?”
Ao domingo vai-se ao mercado sem se lá ir
à segunda sabe-se bem o que não há

à terça fica-se erguido como sentado
à quarta tem-se no olho um arabesco
à quinta as florestas nem dão por que ontem
à sexta era mais vento nos outros dias

Ao sábado fica-se pronto para pensar
Ao domingo cala-se a tarde se inda é manhã
à segunda tudo se espera se se esqueceu
à terça quando se abriam os sons da noite

à sexta há um retrato que se procura
à quarta não se tem medo do canto escuro
à segunda come-se o fruto bebe-se o vinho
Ao sábado um livro entrega o seu segredo

à quinta já se tem anos para o que foi
à terça a voz antiga que nos chamava
à quarta come-se o pão olha-se o campo
Ao domingo vamos embora que já chegámos.

RUÍNAS

ao Margarido Neves, in memoriam

Vinte e quatro ruínas. Uma ruína para cada hora do dia e da noite.

Ruínas que do tempo vieram, que de tempo se fizeram. Coisas, lembranças, lugares e pessoas que o tempo desfez. E que agora se reerguem por um momento na memória de quem as viveu. Nos olhos de quem as pode viver ou contemplar ainda que exista a vida breve, tempus fugit, que afinal dura os minutos de um dia, de um mês, de um ano. De muitos anos. Também das existências que se não tiveram, pois que viver é escolher um caminho entre vários caminhos, apenas aflorados, apenas pressentidos como um eco longínquo. Como num sonho encenado, possível mas ao qual não se deu figura.

A vida ardente está aí. Entontecedora, repleta de sonhos e quimeras, de pequenas luzes interiores como o súbito brilho do sol nas folhas de uma árvore desaparecida.

Ruínas nos sítios habitados “onde tudo canta gravado pelos séculos”. Ruínas que “multiplicam os seus fulgores conforme as horas”. Recordações entre os muros e entre os mundos de baixo e de cima, como na infinita sabedoria e na infinita humildade dos que não viveram em vão. Ruínas que não são de cidades perdidas, de impérios destroçados, de cadáveres desmembrados e de rostos convulsos, mas de pequenos detalhes que a nostalgia e o encantamento dos momentos idos possibilitou existir num continente improvável.

Aquelas matérias que ascendem na vida natural de quem sabe ou de quem pode rememorar, metáforas e imagens de quartos e de escadarias, de ruas que jamais regressarão e contudo são as mesmas, de ideias esquecidas entre o pequeno mundo do que se pensa num relance e se vai para sempre, sem remorso nem contentamento, mas marcadas e coloridas pelo horizonte de muito do que se foi vendo existir.

VISLUMBRE

No bote, os polícias jazem amorosos
no virar da semana
com as suas adoradas em passeio
naquele jardim com o lago meio adormecido
em que depois de remarem, como os cisnes do parque
como a lua se tivesse caído na água
ficam no vazio, olhando os bancos e a relva
dessas horas em que as ramagens cobrem
os corpos de quem descansa e os ausentes
comem sua merenda debaixo de outras folhas
em diferentes lugares.

No barco ou ao balcão do quiosque eles sustentem
na sua mão a mão de alguém que os prolonga.

Onde estão as crianças e a música? Quando não é manhã
os barcos vogam
em busca de um horizonte em que haja noite
dentro mesmo dos corpos, até do peito fendido
em que eu contemplo as silhuetas seculares
quase no fim dos bosques onde depois se amam
e se interrogam por um nada
bocejando aqui e além.

Tocas com essa mão a primeira palavra. E notas
no céu negro figuras como havia
na tua adolescência sussurrante. Agora
olhas ao pé do castelo um pequenino embrulho
e foi há muito tempo que o sentiste
uma e outra hora e ainda uma outra hora, essas
que de repente param e tu sorris
na evidencia que te chama. E dizes, como se nada fosse
- Ouve, jovem polícia, o teu barco quedou-se ali
e por entre as pálpebras semicerradas
o teu amor esvoaça. Oito nove de noventa e seis
repara bem
o taumaturgo testa a tua sede. O teu raro momento
tão plácido e completo como um hall sem ninguém.

Vamos embora, meu Senhor.
Seco e magro como um vislumbre
que estimula os quartos ao redor
andas de continente em continente
e os risos aumentam e aumenta
o choro ao canto do jardim ensolarado.
Uma palavra em calão e uma reza, uma reza

saindo sem que o soubessem alegremente das trevas.

NUVENS

Naquele ano fui para o sul de França. Durante vários
meses, antes de abalar, pensara sem cessar
na velha cozinha da infância e com esses pensamentos
vinha muita coisa sufocada - a ideia de que as manhãs
eram como um relato vago visto na televisão e que nada
nos pertencia a não ser a recordação de quando
pensava em ser aviador nos anos distantes de oitenta.
A menina

entrou na escola numa segunda-feira ou seria
terça feira? Era num livro de contos que isso

era dito e o telefone tocava intermitentemente e então
resolvi partir. Lá fora os pássaros estavam parados
como se posassem numa fotografia desfocada e eu
pensava: esta parede ficará sempre
sob o tempo
noutro espaço
noutro pensamento.

E passou
o dia inteiro
e as pessoas diziam: ontem, meu amigo, onde deixaste
a tua imagem além ou noutro
tempo qualquer, apenas para que soubéssemos
ser fiéis ao que foi

o reverso?

Nicolau Saião (Portugal, 1946). Poeta, artista plástico e ensaísta. Autor de livros como *Passagem de nível* (1992), *Flauta de Pan* (1998) e *Os olhares perdidos* (2000).